

**MANIF 20 MARÇO**

**FESTA 13 MARÇO**

**ESPAÇO KARNART**

**grão.  
de areia**

**NÃO À OCUPAÇÃO**  
**DO IRAQUE**

**ATTAC**

UNIVERSIDADES | #2 | FEV. 2004

1 moeda

# UM GRÃO NA ENGRENAGEM

Um Grão de areia. Grão na engrenagem no mundo tal como o conhecemos hoje. Este é um espaço aberto ao debate de opiniões e à discussão. Pretende-se essencialmente que se traduza num lugar comum de reflexão de temas tão diversos como a globalização, a ditadura de mercados, a injustiça fiscal, a guerra ou a educação. Espera-se que deste espaço floresça uma convergência de esforços que deve ser empreendida desde já para a reinvenção de um outro mundo. Um outro mundo é possível!

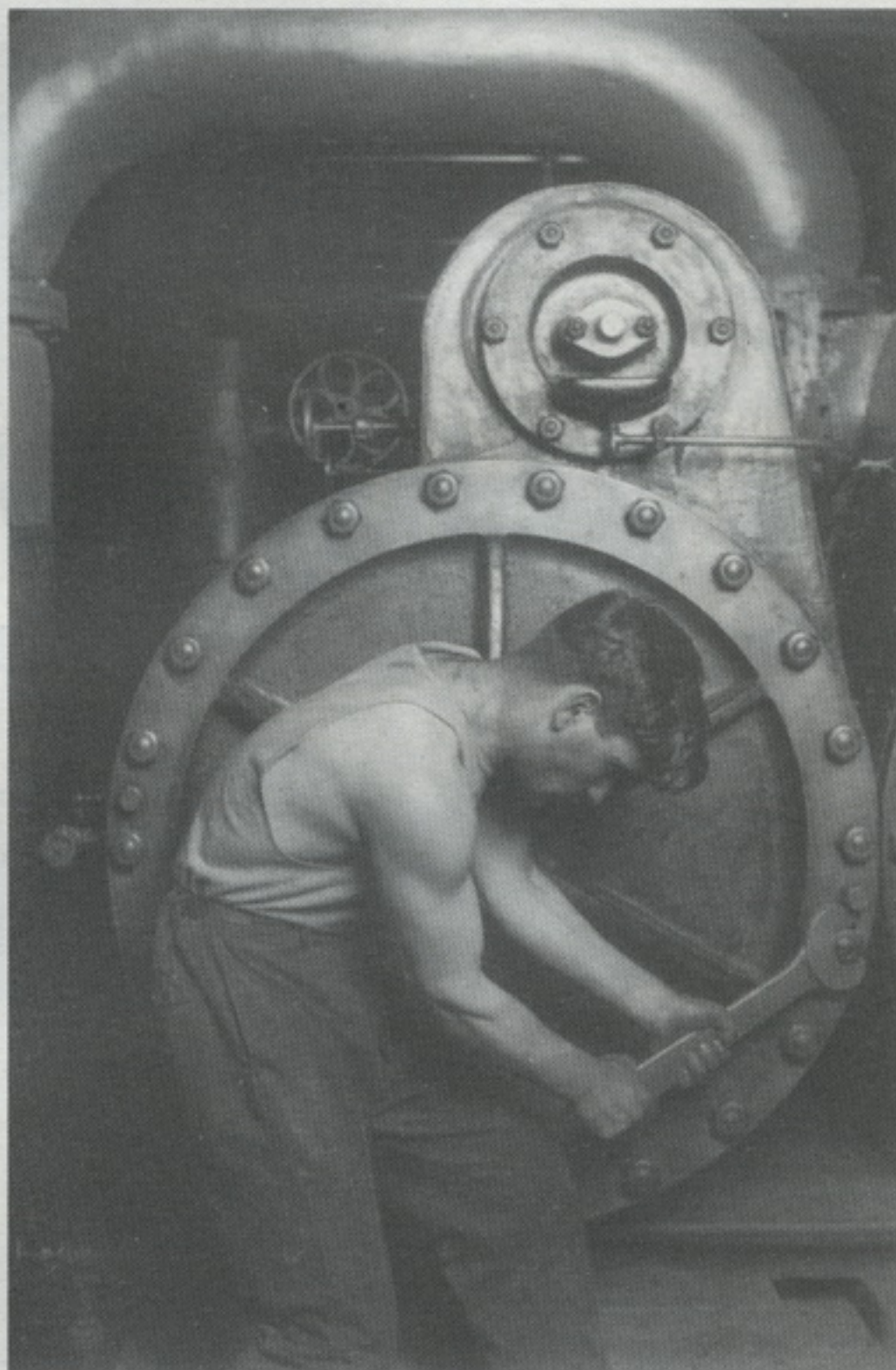
O Grão de areia é uma publicação não periódica da responsabilidade da ATTAC Universidades que conta com os contributos dos seus membros e amigos. Encontram aqui um espaço plural que reflecte uma multiplicidade contextual

e de interesses. É essencial continuar a denunciar a forma como a administração americana manipula a opinião pública, de forma a perpetuar a ocupação do Iraque. Hoje, a denúncia da guerra infinita mantém-se como consenso de base do "movimento dos movimentos". Por isso apelamos à participação na manifestação contra a guerra de 20 de Março, primeiro aniversário da ocupação do Iraque, como data de mobilização global contra a guerra. A ATTAC mobiliza e estará presente!

Os 10 anos que passaram do levantamento zapatista em Chiapas, no México, mostraram que as alternativas são possíveis. De Bombaim, no Fórum Social Mundial, às ruas de todo o mundo que se manifestarão contra a guerra, está na altura de também passares ao ATTAC!

## MOVIMENTO ZAPATISTA: REIVINDICAÇÕES UNIVERSAIS

No dia 1 de Janeiro de 1994, ao sul do México, na região de Chiapas, teve lugar um acontecimento que, pelas suas características e originalidade, veio a ficar para a História. Seria uma zona de grandes recursos naturais (petróleo, gás natural, recursos hídricos, etc.) mas, contraditoriamente, de profunda pobreza entre as populações, cuja principal actividade é a agricultura, o local de um levantamento social revolucionário, conduzido pelo EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional), com uma base de apoio constituída maioritariamente por camponeses e indígenas. A insatisfação e sentimento de revolta dos povos de Chiapas, resultado da degradação das suas condições de vida, acentuada por sucessivas políticas erradas, de governos corruptos e desinteressados da resolução dos problemas sociais que afectavam e ainda afectam o México, viriam a encontrar, no discurso zapatista, uma via alternativa, uma mensagem de esperança face às muitas dificuldades que enfrentavam, e a expectativa de construção de um mundo novo, sem injustiças e desigualdades entre os homens. As palavras do subcomandante Marcos, figura destacada do EZLN, são elucidativas da vida miserável e infeliz que estas populações levavam: "no tínhamos palavra; no tínhamos rosto; no tínhamos nome; no tínhamos mañana; nosotros no existíamos". É preocupa-



ção constante do EZLN a defesa das minorias e dos excluídos, como os índios ou os homossexuais, sem esquecer o papel das mulheres na sociedade que, para os zapatistas,

deve ser equiparado, sem quaisquer reservas, ao dos homens. Esta ideia fica bem marcada pela forte presença das mulheres entre o efectivo do EZLN.

Curiosamente, o dia 1 de Janeiro de 1994 foi também o dia da entrada em vigor da NAFTA, Acordo de Livre Comércio da América do Norte, assinado pelos Estados Unidos da América, Canadá e México. A NAFTA é uma organização regional de integração económica que tem como objectivo, entre outros, a criação de um mercado interno de livre concorrência e onde as trocas estão isentas de pautas aduaneiras; é, no fundo, mais uma expressão da lógica livre-cambista que a globalização traz consigo. Não será complicado entender a difícil e delicada situação em que, após a assinatura do acordo, se encontrariam os produtores e trabalhadores mexicanos incapazes de competir com os seus homólogos americanos e canadianos. Foi esta, também, uma das causas que, segundo elementos do EZLN, esteve na origem da acção que levaram a cabo no estado de Chiapas. O governo mexicano, consideravam os zapatistas, cedia a interesses particulares e estrangeiros, não defendendo o país e as suas gentes.

Dois anos depois, em 1996, o EZLN assinava um acordo de paz com as forças governamentais. As armas eram postas de lado, pelo menos enquanto fosse possível a via do diálogo, e a guerra era travada pelas palavras, apurando-se as vitórias e derrotas pela capacidade de mobilização da sociedade civil. Nesse aspecto, o EZLN evidencia uma particular vocação para se relacionar com a imprensa, através de comunicados e declarações precisas e objectivas mas onde o sentido poético não deixa de estar presente. Exemplos disso são as histórias do subcomandante Marcos, inspiradas nas obras de Cervantes ou Shakespeare. O discurso zapatista vai assim conquistando terreno.

"A revolução não será televisionada mas estará online." Desde o início, houve a preocupação de dar a conhecer ao mundo as razões da luta dos chiapas, de divulgar as suas iniciativas, de trazer à colação temas como a globalização e o neo-liberalismo, e o veículo utilizado foi a internet. Através dela, os zapatistas foram sensibilizando a opinião pública internacional para a sua causa e colhendo apoios de todos os cantos do mundo. Da selva, onde se escondiam do exército mexicano, para o mundo inteiro, os chiapas gritavam «presente!»

Podemos identificar uma grande amplitude nas estratégias político-mediáticas dos zapatistas. Para além da guerra de palavras que ia sendo travada na imprensa e na internet,

foram várias as iniciativas que o EZLN levou a cabo na prossecução dos seus objectivos. De entre elas destaca-se a organização da Conferência Intercontinental pela Humanidade e contra o Neo-liberalismo, em 1994, na Selva de Lacandona. Era a primeira vez que se encontravam pessoas de todo o mundo para discutir a mercantilização da sociedade e o desrespeito por princípios fundamentais como a dignidade da pessoa humana, igualdade entre os homens ou a solidariedade dos povos. "O fenómeno zapatista

ampliou os horizontes e significou uma reivindicação universal."

Não foi apenas uma reivindicação universal que se

gerou; a nível internacional, a partir do projecto zapatista, foram muitos os intelectuais, escritores e jornalistas, entre outros, e activistas a dedicar-se à discussão e compreensão desta realidade, que surge como uma pedrada no charco a abanar consciências acomodadas e comprometidas com o sistema. Parte-se para um debate de ideias que vinham sendo rejeitadas, mesmo negadas, por esta torrente neo-liberalista, recuperando-se os tradicionais conceitos de esquerda e direita, bem como valores que lhes estão associados.

Passaram dez anos. A luta intensificou-se. De um lado estão os defensores da globalização, um movimento aglutinador que ignora e despreza tudo o que não possa ser abordado duma perspectiva de lucro, do outro, os que, defendendo o intercâmbio de culturas, a miscigenação dos povos, não consentem que, em nome de vantagens económicas, se espezinhem valores estruturantes da nossa realidade social. A causa que animava e anima o EZLN, que o faz batalhar pelos direitos dos excluídos, não só do México, mas do mundo inteiro, mobilizando apoios contra o grande inimigo comum que é o neo-liberalismo, mantém-se actual como há dez anos e jamais pode ser esquecida. O Imperialismo americano que se estende com os seus tentáculos a todo o mundo e que, por sua vez, encontra também aliados, tem de ser travado. A comunidade internacional tem de unir-se nesta luta e impedir que se repitam os abusos de poder tão típicos dos EUA, como é exemplo, entre muitos outros, a guerra injusta e ilegal que, recentemente, desencadearam no Iraque. É hora de união e de acção! Está marcada uma manifestação mundial contra a guerra, no dia 20 de Março de 2004. É mais uma oportunidade para demonstrar o repúdio que se sente face à construção de uma sociedade egoísta "que apagou a solidariedade do registo das suas memórias". A ATTAC estará presente!

P.R.

# IRAQUE

## OCUPAÇÃO EM

## DERRAPAGEM

## VIOLENTA

A ocupação do Iraque é um pântano militar. A resistência iraquiana torna a vida da tropa ocupante num inferno. A vida dos iraquianos é pior: além dos abusos cometidos pelas tropas ocupantes, suportam um desemprego na casa dos 70% e a falta de água, electricidade, serviços públicos. Melhor instaladas e protegidas por mercenários contratados, as multinacionais vão tentando preparar a pilhagem dos recursos petrolíferos e lucrar com a 'reconstrução'. Os governos da guerra tentam esconder as dificuldades. Mas uma coisa está à vista: para fazer a guerra, mentiram ao mundo.

Em Agosto, o administrador americano do Iraque, Paul Bremer, resumia a busca de armas de destruição massiva no Iraque: "o conselheiro da CIA, David Kay, tem cerca de 1200 pessoas a trabalhar para ele na procura de armas de destruição massiva. Estou confiante que encontraremos provas". No início de Outubro, foi apresentado o relatório: n-a-d-a. Nada. Pior, sabe-se agora que o inspector Kay ajudou a fabricar a mentira.

David Kay foi vice-presidente da SAIC, empresa privada de apoio logístico às operações militares norte-americanas. Depois da invasão, ganhou a gestão da rádio instalada no Iraque pelos americanos. Mas já antes este era o negócio de Kay: um grupo de iraquianos exilados, que supostamente se preparava para formar um governo pós-Saddam, recebia os seus honorários norte-americanos através da SAIC. Deste elenco de "oposicionistas" vieram alguns dos "testemunhos" sobre armas de destruição massiva usados por Bush para justificar a guerra.

Mas não basta dar a um mentiroso a investigação de uma mentira para que ela comece a parecer verdade. Os inspectores já voltaram para casa e David Kay vem a seguir, como já anunciou, de mãos a abanar. Ao mesmo tempo, o antigo ministro das finanças de Bush, Paul O'Neill, acaba de tornar público que quando tomou posse, antes do 11 de Setembro e de quaisquer conversas sobre armas de destruição massiva, o governo Bush já só pensava em chegar ao petróleo iraquiano, assunto predilecto das reuniões do Conselho Nacional de Segurança.

## A GUERRA CONTINUA

Em Novembro, os EUA voltaram a usar artilharia pesada contra alvos em plena Bagdade. Já se sabia, pela voz de responsáveis militares norte-americanos, que a guerra não terminara, ao contrário do anúncio de Bush, com fanfarra e farda de aviador, a 1 de Maio. Mas os crimes de guerra também não pararam nessa altura. A citação que se segue é do *Washington Post*, (22/11/2003). É longa, mas muito

significativa sobre o curso da guerra no Iraque: "Em várias zonas da área de operações da Quarta Divisão de Infantaria norte-americana, entre as quais a cidade-natal de Saddam Hussein, Tikrit, os soldados usaram disparos de tanque e artilharia para destruir as casas de alegados rebeldes. Um porta-voz da Divisão disse que os ataques foram concebidos para "enviar um recado" aos combatentes da resistência. "A decisão de demolir casas suspeitas de abrigar rebeldes assemelha-se à tática, há muito usada pelas forças de ocupação israelitas na faixa de Gaza e na Cisjordânia para punir as famílias de bombistas-suicidas palestinianos. Como os israelitas, a Quarta Divisão também arrasou vastas áreas nos lados das estradas, para evitar o lançamento de projecteis. A Amnistia Internacional disse na quinta-feira [20 de Novembro] que as demolições configuram uma violação da Convenção de Geneva, os comandantes norte-americanos não apresentaram quaisquer justificações pelo endurecimento da sua actuação". A 13 de Janeiro, as denúncias chegam da Human Rights Watch: os ocupantes prendem familiares de alegados guerrilheiros procurados. Mas prender pessoas para condicionar a actuação do inimigo "relewa da tomada de reféns, que é uma ofensa grave à Convenção de Geneva. Por outras palavras, um crime de guerra" (*Financial Times*)

Para enfrentar a resistência iraquiana, além da retaliação sobre as populações civis, os norte-americanos lançaram-se numa estratégia de "caça ao homem", explicada pelo jornalista Seymour Hersh (vencedor de um prémio Pulitzer pela sua cobertura da guerra do Vietname) na *New Yorker* (15.12.2003). Para a dirigir, foram buscar os antigos comandantes do Programa Fénix, nome de código do programa de contra-insurgência posto em prática no Vietname contra os simpatizantes Vietcong. O eixo desse programa era a eliminação de indivíduos a partir da informação prestada por oficiais do exército sul-vietnamita e por chefes de aldeias. Hoje, a ocupação do Iraque retoma esses métodos. O caso mais polémico é o de Farouq Hijazi. Durante muitos anos, antes de se tornar embaixador iraquiano na Tunísia, Hijazi foi chefe de operações exteriores da Mukhabarat, a san-

grenta polícia política de Saddam. Detido em Abril, tornou-se na peça central da actual inteligência norte-americana, com quem procura hoje reactivar as velhas redes de informações. Mas há trinta anos, o balanço destes métodos foi de uma derrapagem sangrenta, entre vinganças avulsas e abuso generalizado. Segundo números oficiais do Vietname do Sul, o Programa Fénix acabou por resultar em quase 41 mil mortos, entre 1968 e 1972. Os Estados Unidos reconhecem mais de 20 mil.

A par do regresso a tácticas anti-subversivas de má memória, os Estados Unidos aplicam-se em garantir um governo iraquiano dócil perante os planos americanos de apropriação das riquezas do país. As autoridades ocupantes, comandadas por Paul Bremer, nem querem ouvir falar de governo eleito, remetendo essa possibilidade lá para finais de 2005. A fachada iraquiana de governo, escolhida por Bremer e sujeita ao seu veto em todas as decisões, tem um problema grave de credibilidade. A exigência de eleições directas é cada vez maior, sobretudo entre os xiitas, que em Janeiro se mobilizaram massivamente em torno dessa reivindicação.

Foi para este país ocupado que o governo português enviou 128 soldados da GNR. Estes homens e mulheres estão num cenário de guerra onde cresce o ódio: depois de uma invasão que causou vários milhares de mortos ("Não contamos cadáveres", anunciava Tomimy Franks à chegada a Bagdade), as arbitrariedades cometidas pelos ocupantes e a miséria quotidiana alimentam o descontentamento e a adesão à resistência. A GNR deve retirar-se imediatamente do Iraque. E essa retirada deveria ser boa inspiração para americanos e ingleses: já no tempo do Vietname, Nixon acenava com o "caos" que se seguiria à retirada americana... mas o verdadeiro caos está à vista e é o da guerra colonial de Bush no Iraque. Só a retirada pode devolver esperança aos iraquianos.

## ANO UM, MOBILIZAR DE NOVO

Lançada logo após o 11 de Setembro, a "guerra ao terrorismo" tinha um lado B: o dobre de finados do movimento pela globalização alternativa. Enquanto Bush mandava bombardear o Afeganistão, o *Wall Street Journal* titulava "Good-bye Seattle", proclamando o regresso do pensamento único. Mas não foi assim. O movimento dos movimentos tornou-se o centro da rede que permitiu o pronunciamento global contra a guerra. De um conjunto inicial de organizações em que se destacavam as ATTACs francesa e alemã, o Movimento de Resistência Global catalão, o Fórum Social Italiano e o Globalise Resistance inglês, a revolta contra a guerra alargou-se aos cinco continentes, a inúmeras

organizações, ONGs, sindicatos, partidos e associações. E, daí, a um sector da cidadania que fez história a 15 de Fevereiro de 2003.

Hoje, a denúncia da guerra infinita mantém-se como consenso de base do "movimento dos movimentos". A data de 20 de Março, primeiro aniversário da ocupação do Iraque, ficou fixada na Assembleia de Movimentos Sociais, realizada na sequência do Fórum Social Europeu (Paris, 16 Novembro) como data de mobilização global, reconhecida também nos EUA pelas duas coligações anti-guerra, a ANSWER e a United for Peace and Justice. Em Portugal, essa data mundial representa um desafio para o restabelecimento de uma Plataforma Contra a Guerra transparente e unitária como a que juntou 80 mil pessoas em Lisboa no 15 de Fevereiro. A "superpotência" opinião pública, como lhe chamou então o *New York Times*, não conseguiu impedir a guerra, mas pode acelerar a retirada das tropas ocupantes do Iraque, condição para a paz e para a democracia no país.

J.C.



# EDUCAÇÃO: EVIDÊNCIAS "ESQUECIDAS"

As propinas e as últimas reivindicações levadas a cabo pelos estudantes nos últimos meses, causadoras de tanto barulho e profícuo diálogo e discussão não esgotam o leque vastíssimo de problemas da Universidade a discutir e a melhorar. É importante lembrar que ainda muito mais barulho pode e deve ser feito! Não nos podemos esquecer da avaliação pedagógica dos docentes e da impunidade de alguns destes, do problema do estatuto da carreira docente, da reduzida investigação científica e respectivo investimento, ou ainda do problema das bolsas, das residências universitárias, das formas de avaliação dos alunos, apenas para referir os mais evidentes, mas que parecem, verdadeiramente, tão pouca gente preocupar, ferindo sempre demasiadas susceptibilidades quando abordados...

1. Como é possível a avaliação pedagógica dos professores estar numa fase tão embrionária? Será o insucesso escolar um problema só dos alunos? Que investimento (quase inexistente...) é este na educação? Fará inclusive sentido, numa lógica mais mercantilista, pagar por aulas que não se frequentam, ou mesmo frequentando, "dão" muito pouco ou nada, estando praticamente institucionalizado que... "faz parte"?! Dar aulas não pode ser uma actividade de menor importância e, como tal, uma efectiva avaliação pedagógica deverá existir! Só assim se garantirá o reconhecimento dos bons professores (de uma maneira geral, aqueles que por vontade própria se sujeitam à avaliação dos alunos por inquérito...). Todos sabemos que muitos alunos faltam devido à total inépcia do Sr. Professor em dar aulas... Todos pagamos essa inépcia... A longo prazo o aumento significativo da qualidade do ensino superior e dos seus alunos está intensamente dependente deste aspecto! Cabe também aos alunos reivindicar por ele! Começemos talvez por criticar o que deve ser criticado, elogiando o que deve elogiado...

2. E a investigação, existe de facto nos termos em que deveria existir? Como é possível que haja professores que, quando substituídos por assistentes, em vez de lhe dedicar tempo ou a procurar actualizar sebatas e manuais, se encontrem nesses momentos numa universidade privada, ou locais afins, acumulando cargos e respectivas remunerações? Todos sabemos que a investigação é um investimento

essencial, servindo de forma inequívoca o desenvolvimento do país. A tendência dos dias de hoje, em que a grande maioria dos melhores discentes e cientistas de nível indiscutível vão para fora, onde possuem, de facto, condições e são valorizados é um sinal claro da política delineada para o ensino superior, e a investigação em particular... Aliado a este aspecto, e a uma contínua mercantilização do ensino superior, também a ciência, cada vez mais, está sujeita às leis do mercado, à lei do mais forte. Não existe à partida um planeamento e uma antevisão rigorosa das áreas nas quais mais se deve investir, procurando a sua excelência. Pelo contrário a tendência verificada é investir (e ainda assim, pouco) em função do mercado empresarial... Teremos capacidade de sobrevivência? Será esta a melhor estratégia?

3. Relativamente às bolsas de estudo, é por demais sabido que estas existem em número mais que insuficiente, sendo mal distribuídas, deixando muitas vezes quem mais precisa de fora, o que a juntar a este aumento de propinas e redução de investimento no E.S., se veio a agravar... Ainda relativamente às bolsas nunca é de mais lembrar que para nos habilitarmos à máxima (o equivalente à propina mínima!), será necessário ter um rendimento "per capita" de 15 euros por mês! A forma como as bolsas são retiradas, descurando qualquer tipo de causa de insucesso escolar é mais uma lacuna no débil sistema de acção social...

cuna no débil sistema de acção social... Se desde o 25 de Abril se progrediu na democratização do acesso ao ensino, a manter-se esta política, o retrocesso será inevitável...

4. O problema da escassez e da má distribuição estende-se também às residências universitárias, o que (por vezes), aliado a uma qualidade insuficiente das mesmas, gera que o negócio dos quartos /cubículos alugados, de forma clandestina, frequentemente a preços astronómicos seja um negócio em alta e em expansão, com todas as consequências que daí advêm. A ausência de locais para dormir nos locais onde se estuda é um problema social da maior gravidade... A especulação imobiliária, com proprietários a negarem-se a passar recibos de aluguer e ganhando fortunas não o é menos. Mais uma vez está em causa a justiça social...

A redução do financiamento público para o ensino superior e a diminuição das condições de participação efectiva na gestão democrática das universidades, visam forçar a universidade a tornar-se cada vez mais dependente do sector empresarial privado, reduzindo todo um conjunto de liberdades

**A redução do financiamento público para o ensino superior e a diminuição das condições de participação efectiva na gestão democrática das universidades, visam forçar a universidade a tornar-se cada vez mais dependente do sector empresarial privado, reduzindo todo um conjunto de liberdades académicas.**

académicas. Os estudantes mostraram que estão atentos! Afinal de contas, "a educação não é uma mercadoria" e tem um papel inigualável para o desenvolvimento do país.

A contestação estudantil e dos mais diversos sectores da sociedade demonstraram, inequivocamente, o descontentamento generalizado face a esta lei. Mas a contestação não se faz apenas nas ruas.

Todos estes aspectos inerentes à vida universitária, e continuamente negligenciados, não devem mais escapar à atenção, continuando a deixar estas e outras situações parecerem admiravelmente usuais, dando azo ao adormecimento de consciências (iniciado, na esfera universitária, pela praxe...). É por isso necessário conjugar esforços, ideias e energias no sentido de tornar a Universidade aquilo que deve ser: um espaço com capacidade de criar e difundir conhecimentos, como motor fundamental do processo de desenvolvimento.

Como Andy Warhol escreveu, "dizem sempre que o tempo muda as coisas, mas na realidade somos nós próprios que temos de as mudar".

**P.C.**

